

DOSSIÊ

MINAS DE LUTA NA MÍDIA:

Enquadramentos e Percepções das Ocupações Escolares em São Paulo

Copyright © 2018
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores
em Jornalismo

FERNANDA CASTILHO

Centro Paula Souza – Fatec, Estado de São Paulo – SP, Brasil
Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP, Brasil
ORCID: 0000-0003-2301-0554

RICHARD ROMANCINI

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP, Brasil
ORCID: 0000-0002-1651-5880

DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n1.2018.1054>

RESUMO - Este trabalho realiza um estudo comparado sobre as imagens e percepções a respeito da cobertura noticiosa das ocupações de escolas públicas do estado de São Paulo, em 2015. O conceito de *framing* (Gradim, 2017) é operacionalizado na análise de um veículo da grande imprensa (o jornal *Folha de S.Paulo*) e de outro da imprensa independente (o site Jornalistas Livres), entre novembro e dezembro de 2015 e janeiro de 2016. Em seguida, a partir dos resultados de um grupo de foco realizado com seis jovens ativistas, passamos a discutir as percepções de suas imagens na mídia. Podemos elencar como principais conclusões do trabalho o fato dessas jovens aparecem poucas vezes como fontes diretas de informação, mas figurarem nas matérias de forma relevante, por meio de fotos e menções bastante expressivas. Isso acontece sobretudo no veículo independente e principalmente em casos de repressão policial envolvendo estudantes negras.

Palavras-chave: ocupações escolares, feminismo, enquadramento, grande Imprensa, mídia alternativa.

CHICAS DE LUCHA EN LOS MEDIA: Encuadramientos y Percepciones de las Ocupaciones Escolares en São Paulo

RESUMEN - Este trabajo realiza un estudio comparado acerca de las imágenes e percepciones a respecto de la cobertura noticiosa de las ocupaciones de escuelas públicas del Estado de São Paulo, en 2015. El concepto de *framing* (Gradim, 2017) se operacionaliza en análisis de un vehículo de la grande prensa (el periódico *Folha de S.Paulo*) y de otro de la prensa independiente (el sitio web Jornalistas Livres), entre noviembre y diciembre de 2015 y enero de 2016. A seguir, a partir de los resultados de un grupo de foco realizado con seis jóvenes del movimiento, vamos a discutir las percepciones de sus

imágenes en los media. Podemos hacer una lista de las principales conclusiones de este trabajo con el hecho que estas jóvenes no son fuentes directas de la información, pero figuran en las materias de manera relevante, con fotos e menciones bastante expresivas. Esto acontece sobretudo en el vehículo independiente e principalmente en los casos de represión policial e envolviendo estudiantes negras.

Palabras clave: ocupaciones *escolares*, feminismo, encuadramiento, gran prensa, media alternativa.

THE STRUGGLE OF GIRLS IN THE MEDIA: Framing and Perceptions of School Occupations in São Paulo

ABSTRACT - This work is a comparative study on the images and perceptions surrounding news coverage on public school occupations in São Paulo, in 2015. The concept of framing (Gradim, 2017) is applied to the analysis of a mass media vehicle (the *Folha de S. Paulo* newspaper) and an independent press publication (the website *Jornalistas Livres*) between November and December 2015, and January 2016. We conducted a focus group interview with six young activists and discussed the perceptions of their images in the media. The main conclusions we reached were that these young women were rarely used as direct sources of information, but they appear prominently in news reports through a large number of photos and references. This occurs mainly in the independent vehicle and in cases of police repression involving students of color.

Key words: school occupations, feminism, framing, mainstream press, alternative media.

1 Introdução

O movimento das ocupações escolares em São Paulo teve importante repercussão na imprensa em 2015, sobretudo por se tratar de eventos com implicações sociais e políticas. Desde o início, a cobertura noticiosa das reações dos estudantes secundaristas ao anúncio do plano de “reorganização” das escolas, proposto pelo Governo do Estado de São Paulo, teve como características o uso frequente de imagens das escolas ocupadas e dos protestos realizados, bem como a consulta a fontes não oficiais como familiares e os próprios estudantes, com destaque para as meninas do movimento.

Dando continuidade a uma série de manifestações organizadas pela juventude brasileira com objetivo de expressar descontentamentos e reivindicar melhorias nas condições sociais, cujo exemplo mais conhecido foi a “Primavera brasileira” ou “Jornadas de junho”, de 2013, o movimento das ocupações escolares

teve início em novembro de 2015, após o anúncio da proposta de separação das unidades por ciclos (fundamental I, para crianças do 1º ao 5º anos, fundamental II, do 6º ao 9º anos, e ensino médio, de três anos), o que causaria o fechamento de 93 escolas. Dessa vez, os estudantes entenderam que a proposta do governador tinha um caráter autoritário e acabaria por resultar em classes superlotadas – situação já vivenciada por muitos deles. A ausência de diálogo com o governo levou os estudantes a fechar e “ocupar” as escolas até o momento que suas reivindicações fossem atendidas, estratégia inspirada em movimentos anteriores de estudantes chilenos e argentinos (Romancini & Castilho, 2017a). É interessante perceber que, inicialmente, o governo cogitou desmoralizar o movimento reprimindo tanto as ocupações nas escolas como as manifestações nas ruas da capital, porém os estudantes conquistaram a simpatia de parte da população, provocando queda na popularidade do governador (Mendonça, 2015). Após sucessivos recuos, a resistência dos estudantes e o descontentamento popular resultaram no anúncio da revogação do plano do governo em 4 de dezembro de 2015 e o processo de desocupação das escolas teve início, durando até meados de janeiro de 2016.

Em relação ao protagonismo feminino no movimento, notamos que foi percebido em diversos âmbitos: pela imprensa ao cobrir o movimento¹; em análises sobre o caso (Campos, Medeiros & Ribeiro, 2016); em documentário realizado sobre o assunto²; e nos depoimentos das próprias participantes consultadas no âmbito dessa pesquisa.

Nesse sentido, este trabalho se estrutura da seguinte forma: (1) desenho de pesquisa; (2) análise das notícias à luz do conceito de enquadramento (*framing*); (3) análise das percepções das estudantes a respeito da imagem das mulheres, as “Minas de Luta”, na mídia.

1.1 Questões de pesquisa e metodologia do estudo

O objetivo principal do trabalho é confrontar as imagens das estudantes secundaristas que participaram do movimento de ocupação das escolas públicas de São Paulo, na imprensa de grande circulação e na mídia alternativa, com as percepções das próprias secundaristas, problematizando o tratamento informativo do assunto, sobretudo observando o espaço destinado para as meninas do movimento.

O trabalho combina as perspectivas quantitativa (notícias publicadas por meio tradicional e alternativo) e qualitativa exploratória (grupo de foco) em relação ao fenômeno em análise. As principais preocupações de conhecimento do estudo podem ser sintetizadas nas seguintes questões de pesquisa:

a) Quais foram os enquadramentos realizados pela grande imprensa e por veículo alternativo? Houve mudanças ao longo do tempo?

b) É possível perceber o protagonismo feminino nas ocupações escolares de São Paulo por meio da cobertura noticiosa na imprensa de grande circulação e nos canais alternativos?

c) Qual a imagem dessas secundaristas nessas notícias, ou seja, quais aspectos foram mais salientados? O feminismo foi um deles?

d) De que maneira as secundaristas percebem a cobertura noticiosa dos dois meios?

Para tanto, construiu-se uma amostra composta por notícias e reportagens³ publicadas no jornal impresso *Folha de S.Paulo* e no site de mídia alternativa *Jornalistas Livres*, nos meses de novembro e dezembro de 2015 e janeiro de 2016 – período principal dos eventos analisados. Essa amostra é composta por 43 notícias publicadas na *Folha de S.Paulo* e 26 pelo *Jornalistas Livres*. A pesquisa foi realizada com uso das palavras-chave “ocupações”, “ocupação” e “reorganização”. Foram criadas duas bases de dados em Excel com as seguintes variáveis: data, título, ator principal (fonte), ator secundário (fonte), foto/imagem, ator principal (foto/imagem), ator secundário (foto/imagem). Essas bases foram analisadas com uso de SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), sobretudo para o cruzamento dos dados. Tal sistematização teve como objetivo perceber quais atores tiveram mais ou menos voz e espaço na cobertura noticiosa (estudantes, familiares, professores, dirigentes escolares, governo, forças policiais e poder judiciário).

Além disso, utilizamos os dados da realização de um grupo de foco com seis jovens secundaristas que participaram do movimento, realizado em dezembro de 2016⁴, com objetivo de levantar dados qualitativos a respeito da participação dessas estudantes e suas percepções a respeito da cobertura noticiosa do movimento⁵.

2 Enquadramentos das ocupações escolares

Sabemos que os meios de comunicação são poderosos agentes de construção da realidade, responsáveis pela criação de imagens do mundo, legitimadas pela credibilidade dessas instituições midiáticas que se tornaram referências para os indivíduos. Assim, quando pensamos em representação midiática de determinados grupos, entendemos por imagem não apenas as fotografias publicadas pela imprensa, mas sim a imagem geral construída pelas notícias, no sentido dado por Lippmann: “as imagens em nossas mentes” (citado por Colling, 2001, p. 89). Referimo-nos ao chamado *stock* de memórias e enquadramentos comuns formado por diferentes instâncias, para o qual a mídia contribui fundamentalmente (Cunha, 2005). A produção de sentido assenta nessas memórias criadas a partir dos recortes subjetivos, do que é selecionado para ter visibilidade na *agenda* noticiosa (Traquina, 2001). Em outras palavras:

Os meios de comunicação constituem um espaço em que se decide e se exerce uma influência na percepção, a construção da realidade e dos fatos noticiosos nos receptores do meio, por pela seleção da informação, o uso de fontes, o uso da imagem e a interpretação realizada pelo próprio jornalista⁶ (Browne, Romero & Monsalve, 2015, p. 724).

É nesse sentido que a noção de enquadramento (*frame/framing*) nos interessa, pois diz respeito às maneiras de entendimento dos acontecimentos narrados, sobretudo pelos meios de comunicação, os quais acabam por estruturar nossa construção da realidade. Encontramos em Gradim uma definição de enquadramento assente num conjunto de autores clássicos no campo dos estudos em comunicação e jornalismo:

Frame ou enquadramento pode definir-se como o conjunto de pistas, visuais ou linguísticas e conceptuais, que enformam o contexto de um objecto ou acontecimento. Essas pistas de como o evento deve ser interpretado constituem o seu enquadramento propriamente dito, salientando certos aspectos deste e obscurecendo outros; e são susceptíveis a apresentar muitas formas, com alcances diversificados: podem referir-se a um objecto concreto, como tratar-se de meta construções simbólicas e culturais que servem de contexto a um conjunto de narrativas de alcance muito vasto (2017, p. 22).

Por isso, essa perspectiva teórica, conhecida pelo trabalho de Goffman (1975) e orientada tradicionalmente aos estudos de jornalismo (Tuchman, 1978; Entman, 1993), é utilizada em nosso trabalho

como referência para analisar o tratamento noticioso a respeito das ocupações escolares em São Paulo.

Nota-se, ainda, que orientação teórica similar foi utilizada em trabalhos que analisaram mobilizações estudantis chilenas – associada à teoria da *agenda setting*, por Fernández (2007), e mais relacionada à Análise Crítica do Discurso em Browne, Romero e Monsalve (2015) e em Pérez (2012; 2016), todos eles estudos das coberturas noticiosas dos eventos⁷. Como já explicitado, os movimentos estudantis no Chile influenciaram os ativistas brasileiros das ocupações escolares. Além disso, a existência dessas investigações nos permitiu certo nível de comparação.

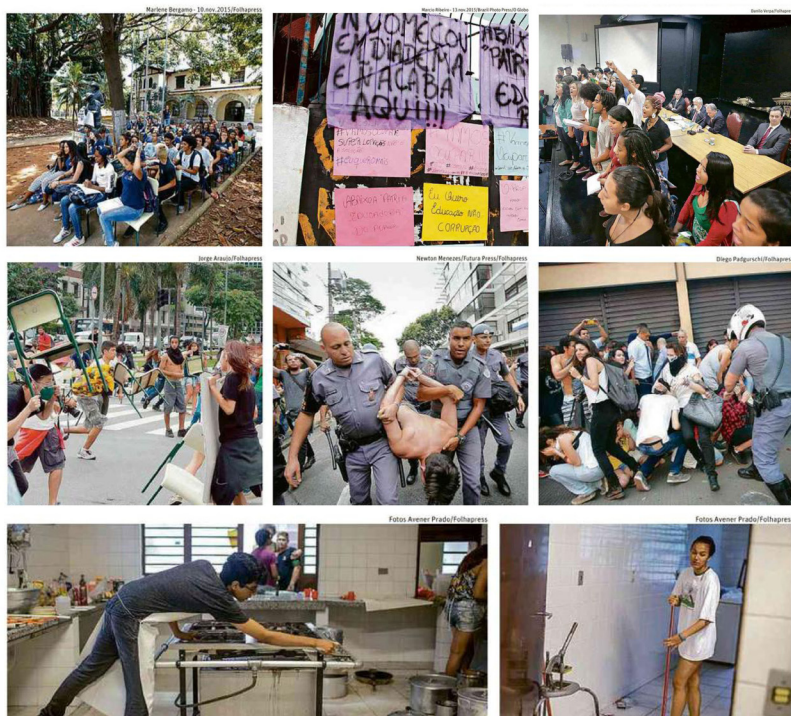
Por outro lado, estamos interessados nesse paradigma também no sentido apontado por Entman (1993), a respeito da importância aos estudos culturais e particularmente às pesquisas de gênero, raça e classe.

Posto isso, partimos para a análise do enquadramento noticioso e da imagem das secundaristas nas notícias do jornal *Folha de S.Paulo* e no site Jornalistas Livres.

2.1 A cobertura da *Folha de S.Paulo*

Um olhar geral e cronológico para a construção da narrativa das ocupações desde o seu estopim, no início de novembro de 2015, até seu término, após o Governo do Estado ter recuado, cancelando o projeto de “reorganização” escolar, em janeiro de 2016, indica que a cobertura da *Folha de S.Paulo* – veículo que ocupa uma posição de destaque dentro do “jornalismo de referência” no Brasil, com forte capacidade de influência, principalmente entre os segmentos de renda média e alta da população⁸ – pode ser dividida em três enquadramentos, a saber: a ocupação dos estudantes; a reação dos governantes e das forças policiais; e o enfraquecimento e a desocupação.

Figura 1- Exemplos de enquadramento da cobertura da *Folha de S.Paulo*



Fonte: *Folha de S.Paulo*

O primeiro enquadramento é formado pelas notícias da ocupação com enfoque na dimensão informativa, apontando as razões pelas quais os estudantes decidiram realizar tal movimento (exemplos de títulos: “SP já tem 5 escolas invadidas por alunos”; “Pais se revezam em vigília diante de escola”). Observa-se uma importante pluralidade de fontes: os próprios estudantes, professores, familiares e atores políticos.

A partir do momento que o governador Geraldo Alckmin é utilizado como fonte direta (até o início de dezembro a comunicação com a imprensa era realizada por meio de porta-vozes da Secretaria de Educação) e se iniciam os protestos de rua, percebe-se que a cobertura inicia uma nova fase com diferentes enquadramentos, nos quais fontes de informação como o Judiciário e as forças policiais começam a aparecer com mais frequência. Essas novas vozes, em conjunto com fotos das manifestações,

nas quais as cenas de violência se destacam, revelam o uso de tom mais negativo (exemplos: “Governo foca desgaste e alunos radicalizam”; “Detenções em protesto incluem adultos e jovens de outras escolas”).

Figura 2 - Estudante agredida em protesto; meninas tomam a frente em manifestações



Fonte: *Folha de S.Paulo*

Nessa fase, observa-se um dado importante. Embora os estudantes passem a ser retratados como desordeiros, a denúncia da violência das ações policiais, sobretudo nas imagens das meninas ativistas, divide as opiniões a respeito do movimento. É nesse sentido que acreditamos no protagonismo feminino no movimento como agente fundamental para a alteração do entendimento das manifestações (de negativo a mais positivo), sobretudo quando assumem po-

sição de frente como uma estratégia para proteger os meninos – que tradicionalmente sofrem abuso das forças policiais. É também nessa fase que os familiares e outros cidadãos são consultados, bem como é divulgado resultado de uma sondagem a respeito da popularidade (apresentando forte queda) do governador.

Após o recuo de Geraldo Alckmin e do consequente processo de desocupação, no terceiro enquadramento percebido na cobertura da *Folha*, os estudantes voltam a ter voz de forma efetiva (exemplos: “Estudantes prometem ocupação pelo menos até quarta”; “Após 53 dias, alunos deixarão escola símbolo das ocupações”). O triunfo do movimento é retratado com uso de fotos dos estudantes limpando a escola, entregando pacificamente a chave para a diretoria e tendo aulas em círculo após o retorno das atividades escolares.

2.2 A cobertura do Jornalistas Livres

A natureza “alternativa” ou “independente” que marca a proposta jornalística do site Jornalistas Livres é um aspecto preliminar importante a ser notado sobre sua cobertura das ocupações. A campanha de financiamento coletivo que ajudou a consolidar o projeto, finalizada em julho de 2015, enfatiza a ideia de que a “A Rede Jornalistas Livres surgiu no dia 12 de março de 2015 da necessidade urgente de enfrentar a escalada da narrativa de ódio, antidemocrática e de permanente desrespeito aos direitos humanos e sociais, em grande parte apoiada pela mídia tradicional”⁹. Ou seja, os “Jornalistas Livres” procuram ser um contraponto informativo à “mídia tradicional”. “Não almejamos a ‘fala correta’, não seguimos manuais homogeneizadores e excludentes da diferença e diversidade. Somos uma rede inclusiva contra a exclusão [sic] somos, por isso, bem diferentes da mídia corporativa”¹⁰, afirmam.

Figura 3 - Exemplos de enquadramento da cobertura do Jornalistas Livres



Fonte: Jornalistas Livres

Nessa caracterização são demarcados os principais pontos de diferença com relação aos grandes meios de comunicação: a diversificação e ampliação de pautas temáticas (a moradia e os direitos humanos, por exemplo, têm ênfase no site), bem como a abordagem marcada por valores, inclusive políticos, frequentemente antagônicos aos da mídia tradicional. Assim, o conteúdo publicado no site não é necessariamente profissional (sendo permeável à colaboração de diferentes indivíduos), possui teor participativo, distanciando-se de valores como a “objetividade” ou a “neutralidade” jornalísticas e é com frequência opinativo, a despeito da valorização do gênero reportagem.

A publicação na internet, além de favorecer o projeto quanto aos custos, permite a propagação veloz das informações e o alcance aos públicos de nicho. Fatores como esses parecem colaborar, hoje, para uma nova emergência de canais noticiosos “alternativos” (Carvalho & Bronsky, 2017) que têm, por vezes, papel significativo na co-

bertura das atividades dos protestos e movimentos sociais. O exemplo mais claro é a chamada Mídia Ninja, desde os acontecimentos de 2013.

Pelo que se disse, e a decorrente cobertura com teor favorável ao movimento dos secundaristas, é possível entender a preferência dos estudantes por esse tipo de mídia, conforme os depoimentos recolhidos durante a pesquisa. Na verdade, no caso do Jornalistas Livres, o site desempenhou um importante papel no próprio desenrolar dos acontecimentos, ao revelar, num furo de reportagem¹¹, a intenção do governo de preparar uma “guerra” contra as escolas ocupadas, conforme as palavras gravadas em áudio do chefe de gabinete do secretário de Educação, numa reunião com dirigentes do ensino, no final de novembro de 2015. A notícia desgastou o governo e acirrou o ânimo dos estudantes, o que favoreceu a mobilização.

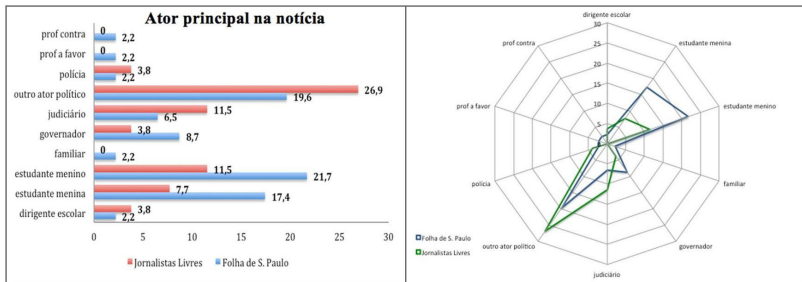
Antes dessa reportagem, o site publicara dez textos sobre as manifestações estudantis secundaristas e as ocupações, mostrando enquadramentos do evento que não apareciam na grande imprensa, como as repressões nas manifestações de rua e nas ocupações, bem como o apoio que eles recebiam de atores políticos diversos, como Eduardo Suplicy ou membros dos movimentos dos sem-teto de São Paulo. O tom geral da cobertura é sempre de apoio, e muitas vezes os autores dos conteúdos expressam de maneira ostensiva sua simpatia pela causa e críticas ao governo (exemplos: “Sai o decreto da vergonha”; “Mais de 5 mil estudantes vão às ruas contra Alckmin em SP”). Depois da matéria com o áudio do chefe de gabinete, outro ator passa a ser destacado pelo Jornalistas Livres (em três reportagens), as instâncias do Poder Judiciário (Defensoria e Ministério Público) que, por conta da própria revelação, tomaram medidas tanto para defender os estudantes e como contra a reorganização escolar.

Além disso, novas formas de violência contra os secundaristas manifestantes e contra a própria “imprensa livre” que cobria a causa foram reportadas (exemplos: “Por que é que a PM de São Paulo quer o tempo todo nos provar a sua covardia e seu racismo?”; “Segurança do metrô ataca a imprensa livre”). Quando as ocupações foram finalizadas, algumas reportagens se preocuparam em mostrar que as condições físicas e materiais das escolas eram equivalentes a antes da ocupação. A escolha desse enquadramento funcionou como defesa dos estudantes, tendo em vista que eles poderiam ser acusados de furtos ou prejuízos ao patrimônio do Estado. Já no final de janeiro, o site procurou desenvolver uma série mais analítica sobre as motivações dos estudantes, a partir da utilização de fontes como pesquisadores acadêmicos.

3 Comparação entre as coberturas

Em termos comparativos, utilizando os dados da base construída para esse fim, observa-se que tanto nas notícias como nas imagens (primeiros planos), os atores principais (Gráficos 1 e 2) na *Folha de S.Paulo* por vezes são diferentes dos destacados pelo Jornalistas Livres. Por exemplo, os estudantes foram as principais fontes de informação na *Folha*, 39,1% (entre meninas e meninos), enquanto no Jornalistas Livres quem mais apareceu nas notícias foi outro ator político (ativistas, sindicatos, etc.), 26,9%, e em segundo lugar os estudantes, 19,2%.

Gráfico 1 - Ator principal na notícia



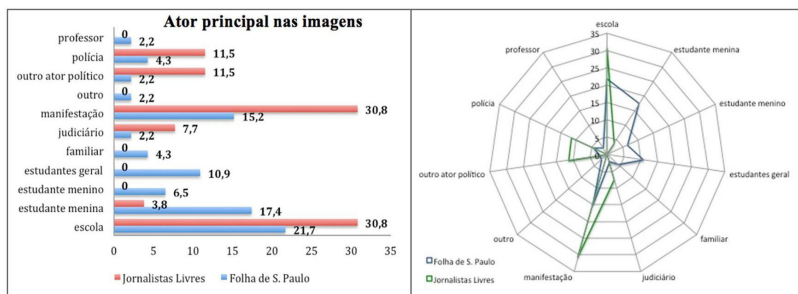
Fonte: Elaboração autoral

Conforme mencionado anteriormente, temos que considerar as características de uma mídia “independente”, a qual utiliza um tom mais autoral nos textos, enquanto no jornal impresso tradicional as fontes de informação direta são fundamentais para construção da notícia. No entanto, é importante perceber que ambos os veículos deram voz preferencialmente aos estudantes identificados como do sexo masculino. No Jornalistas Livres, as meninas tiveram 3,8% menos espaço do que os meninos, enquanto na *Folha*, essa diferença foi de 4,3%. O governador e os professores (contra ou a favor do movimento) são consultados apenas pela *Folha*.

Comparar a cobertura fotojornalística desses dois meios foi um dos desafios mais espinhosos da pesquisa, tendo em vista que dois âmbitos devem ser considerados: a liberdade espacial e editorial. A mídia online possui liberdade para utilizar um número de imagens muito superior ao jornalismo impresso. Assim, as fotos que evidenciam os protestos de rua, com atores como forças policiais e estudantes de forma geral, da cobertura do Jornalistas Livres, estão em maior número do que na *Folha de S.Paulo*. É nesse sentido que as

fotos onde as meninas aparecem em primeiro plano ganham importância, uma vez que tiveram menos lugar de fala. O protagonismo feminino nas manifestações – algo que nos depoimentos das participantes ficou muito evidente – adquire visibilidade por meio dessas imagens, que circularam inclusive nas redes, em claro processo de agendamento (McCombs & Shaw, 1972), tendo se transformado em símbolos do próprio movimento.

Gráfico 2 - Ator principal nas imagens



Fonte: Elaboração autoral

Em geral, escolas, estudantes e manifestações são, em ambas coberturas, tanto os atores sociais diretamente mais consultados, como as figuras mais marcantes nas imagens. No entanto, em termos de construção da narrativa, as fotos das meninas do Jornalistas Livres podem ser consideradas mais impactantes, tendo em vista que elas aparecem com maior frequência em conflito direto com as forças policiais. Além disso, podem surgir com os adereços de manifestantes (pano no rosto para proteção contra gás lacrimogêneo), tronco desnudo vestindo apenas sutiã (símbolo do ativismo feminista), algo que não encontramos nas imagens selecionadas pela *Folha de S. Paulo*.

No Quadro 1 podemos novamente observar os enquadramentos nas coberturas dos dois veículos informativos. Em termos de aproximação, percebemos que em ambos as vozes dos estudantes foram ouvidas, tendo em vista que eles formam o contingente principal de fontes de informação direta, muito mais do que o governo ou outras fontes oficiais. No entanto, percebemos na cobertura do Jornalistas Livres uma forte tendência para a denúncia de abusos por parte das forças policiais. Por outro lado, novamente, as fotografias de meninas apareceram nas duas coberturas, mas foram mais proeminentes na *Folha*. E, nos dois casos, em termos de imagem, o principal enquadramento foi o destaque das próprias escolas ocupadas.

Quadro 1 - Variáveis de análise das matérias da *Folha de S.Paulo* e do *Jornalistas Livres*

Veículo	Fontes de informação 1	Fontes de informação 2	Ator principal (foto)	Ator secundário (foto)
<i>Folha de S.Paulo</i>	Estudante menino e estudante menina	Atores políticos e estudante menina	Escola ocupada e estudante menina	Estudantes em geral e manifestações
<i>Jornalistas Livres</i>	Atores políticos e estudante menino	Dirigente escolar e forças policiais	Manifestação e escola ocupada	Forças policiais e estudantes em geral

Fonte: Dados e elaboração autoral

Outras dimensões importantes a serem consideradas são as questões étnico-raciais e de classe. Na cobertura do *Jornalistas Livres*, notadamente mais voltada para a denúncia dos abusos relacionados aos conflitos, nota-se que há uma pluralidade maior de escolas mencionadas, enquanto a *Folha de S.Paulo* prioriza matérias nas quais a escola Fernão Dias (localizada em bairro de classe média e com ex-alunos ilustres, como a cartunista Laerte) é enfocada. Praticamente elogiada durante as ocupações, conforme dois títulos analisados “Aula em escola símbolo de ocupações volta com debate e carteiras em círculo” (de 7 de janeiro de 2016) e “Às vésperas de dia decisivo, escola invadida faz minifestival” (de 23 de novembro de 2015). O *Jornalistas Livres* chegou a ironizar o modo como a polícia tratava os estudantes nessa escola e em outras em bairros centrais:

a Polícia Militar está há quase cinco dias de guarda diante da Escola Estadual Fernão Dias Paes e o máximo que se viu por lá foi um spray de pimenta aqui, um empurra-empurra ali, uma tentativa de levar gente para a delegacia... e mais nada. Porque a Fernão Dias fica no bairro de Pinheiros, perto da caríssima Fnac, ao lado de uma classe média com acesso aos jornais e à mídia em geral².

Na mesma matéria, o site nota também que “Aluna da escola Fernão Dias é detida pela PM durante 30 minutos... adivinha de que cor ela é? Acertou! Negra!”. Também digno de destaque, quanto ao provável racismo contra estudantes, é a imagem de uma estudante negra que foi fotografada ao receber violentamente um soco no queixo de um cidadão revoltado em dos protestos de rua (ver Figura 2). Essa imagem foi publicada na capa da *Folha de S.Paulo* no dia 8 de dezembro de 2015. Na matéria, a mãe da estudante diz que a filha nunca mais irá para as manifestações sozinha e a menina, declarando sororidade,

justifica que por ter 1,80 m de altura optou por ficar na linha de frente de forma a defender as estudantes de menor porte físico.

4 Percepções das participantes do movimento

Partindo da ideia de enquadramento conforme indicamos, construído e personificado “nas palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na notícia narrada” (Entman, 1993 citado por Colling, 2001, p. 95), passamos a questionar: de que maneira as secundaristas perceberam a cobertura noticiosa das ocupações na mídia tradicional e “alternativa”?

No grupo de foco realizado, notamos uma postura muito clara de discordância a respeito das matérias publicadas e emitidas pelos meios mais tradicionais. Todas as seis intervenientes concordaram que a imagem geral dos estudantes construída pelas mídias colabora para a manutenção do estereótipo do manifestante como desordeiro. O impacto dessas abordagens é significativo para elas, pois acreditam que isso alimenta o *stock* de memórias e argumentos negativos dos pais a respeito de suas participações nos movimentos. Nas palavras delas, o papel da mídia é:

Fazer seus pais acreditarem que você estava fazendo baderna na escola. (G.)

A mídia só mostra quando tá dando pau, não mostra quanto está tudo bonitinho e tendo evento cultural. (C.)

De fato, como era se esperar, enquanto o tom de apoio do Jornalistas Livres permeia todas as matérias, apenas três notícias da *Folha de S.Paulo*, da nossa amostra, fizeram menção aos eventos culturais realizados nas escolas durante as ocupações e, como dito, se referiam a escolas de classe média.

Conforme apontado, na terceira fase da cobertura da *Folha*, observamos a alteração da narrativa salientando o triunfo estudantil, indicando que, afinal, os protestos tiveram um impacto positivo nas políticas de educação. Em termos de legado dessa causa estudantil, percebemos que as meninas experienciaram um encontro com o feminismo, ou seja, o afloramento da consciência de gênero e desenvolvimento de uma postura política de enfrentamento da opressão e da dominação (Castilho & Romancini, 2017a). Por outro lado, para os estudantes em geral a relação com o espaço escolar se alterou fundamentalmente, se tornando um espaço de troca e respeito pelas diferenças:

A ocupação fez a gente vivenciar a escola que a gente queria ter. A gente criou espaços de convivência com pessoas que durante três anos eu nunca conversei. Parece que a escola, com essa coisa de turma e sala de aula, ela separa a gente. (A.)

Perguntadas sobre a visibilidade do movimento feminista por meio das mídias, elas concordam que as redes sociais auxiliaram esse processo ao permitir o contato com uma rede de relações com interesses em comum, porém, quanto às mídias tradicionais, ainda há dúvidas sobre sua importância nesse aspecto em particular.

Não sei se a visão das ocupações foi a respeito do empoderamento feminino, foi do empoderamento dos secundaristas em geral, mas internamente você notava as minas colando em peso, roluu até o lute como uma mina, com fotos das minas nos atos. (C1.)

As manchetes são sempre “estudantes ocupam escola”, sempre mais geral, nunca é “As estudantes ocuparam...”, acabam deixando a questão de gênero de lado. (M.)

Por outro lado, as seis participantes fazem questão de esclarecer a importância que as meninas tiveram em todo processo, desde as tarefas, sobretudo de comunicação, nas ocupações escolares, aos protestos de rua.

Eu lembro que eu chegava em algumas escolas ocupadas, eu com 18 anos, e via só crianças, umas meninas com um discurso... super empoderadas. Até dava vontade de chorar de emoção. Não tem como você não se comover com isso: meninas de 12 a 17 anos apanhando de caras (policiais) de 30 anos de cassetete na mão. (C2)

A concordância do grupo relativamente ao protagonismo das meninas nas assembleias e na comunicação com a imprensa é unânime. O que acaba por contrapor os dados da nossa análise, tendo em vista que a principal voz do movimento, diversas vezes mencionado como tal e com matéria dedicada ao assunto, trata-se de um rapaz e não de uma menina. Ou seja, as adolescentes figuram nas imagens como protagonistas, mas o lugar de fala ainda é ocupado pelos meninos. É nesse sentido que percebemos o quão silenciadas se sentem principalmente as garotas negras, o maior contingente nas fotos das ocupações. Segundo G, a ideia da mulher negra como escandalosa ainda persiste no imaginário de seus colegas, pois quando ela ingressou no movimento secundarista, sentiu que poderia ser mais uma razão de luta, mas também motivo de exclusão: “Eu senti (eles pensarem) que ‘ok, eu já sou negra, falo muito, sou estressada, feminista... Agora o que estou querendo?’”.

5 Discussão e considerações

Retomando nossas quatro questões de pesquisa, podemos dizer que:

1) Há alterações nos enquadramentos das ocupações, principalmente no veículo da grande mídia, de maneira, em parte, similar ao que ocorreu no caso do Chile, conforme mostra Fernández (2007). A autora aponta um movimento que vai da representação dos estudantes pela imprensa como “marginais” (*maleantes*) a heróis revolucionários, em prol da causa pública da educação. No caso brasileiro, não se chegou a tanto, mas notamos uma mudança em termos de direcionamento representacional mais positivo dos jovens (em termos de fontes de informação no veículo da grande imprensa e no tom heroizante muito comum no jornalismo alternativo). Tal mudança, na situação chilena, relaciona-se, de acordo com a autora, principalmente ao momento em que os estudantes passam a negociar com o governo. No caso chileno, a imprensa elegeu alguns sujeitos com maior protagonismo, incluindo associados a partidos e tendências políticas. Já no caso das ocupações de escolas no Brasil, o teor profundamente horizontalizado e, de certa forma, avesso à política tradicional¹³, fez com que tanto as negociações, como a existência de indivíduos com papel de claro protagonismo político fossem mais difíceis de retratar ou ser percebidas. É interessante também notar que a discussão das causas mais profundas da irrupção dos protestos só é aprofundada a posteriori e pelo veículo alternativo. Outro ponto que merece discussão é se houve, na cobertura estudada, a exacerbação da estratégia do “nós contra eles”. Esse procedimento discursivo, segundo Pérez (2012), caracterizou a cobertura da mobilização chilena de estudantes em 2011, na análise de dois veículos jornalísticos, um conservador (*El Mercurio*) e outro de esquerda (*El Siglo*). O “outro” de cada um desses veículos, como mostra a autora, é diferente: os próprios estudantes (apontados como violentos) pelo jornal conservador e o governo (repressivo, por meio da ação da polícia), para o veículo de esquerda. Podemos dizer que, em alguns momentos (mas sem que essa seja uma tônica contínua da cobertura), o jornal da grande imprensa enquadra os estudantes como o “outro”. Por outro lado, o governo visto como o “outro” foi o tom dominante da cobertura do veículo alternativo.

2) O protagonismo feminino nas ocupações escolares de São Paulo é apresentado principalmente por meio das imagens e não das falas das estudantes. Tal enquadramento fotojornalístico tende a ser mais “forte” no canal alternativo, o que deve se relacionar, em parte, aos pú-

blicos da *Folha* e do *Jornalistas Livres*. Determinadas imagens poderiam ser consideradas inapropriadas ou ofensivas por um leitor de um veículo da grande imprensa. Por outro lado, o veículo alternativo, que tende a se posicionar na defesa dos estudantes, parece reconhecer que o “efeito ‘visceral’ da recepção dessas fotografias é um fator com impacto também sobre a forma pela qual interpretamos as imagens”¹⁴ (Pérez, 2016, p. 7).

3) Não podemos dizer que o feminismo tenha sido um ângulo forte da cobertura, nem no jornal da grande imprensa nem, como até se poderia esperar, no canal alternativo, mais voltado para a questão da cidadania. Porém, ambos os veículos convergem num conjunto de imagens de “meninas de luta” – ou seja, situações em que as jovens se manifestam na rua ou nas escolas ocupadas e, por vezes – principalmente quando o gênero tinha relação com a etnia da estudante – são reprimidas.

É possível pensar que valores notícia como “novidade” e “notabilidade” (Traquina, 2002) expliquem a atenção, principalmente imagética, que as meninas receberam. Alta visibilidade, porém, combinada à baixa vocalização do que elas tinham a dizer, bem como análise e discussão do significado dessa presença. A ausência de voz parece ser ainda mais saliente – em razão inversa às situações de repressão documentadas pela mídia – quanto às jovens negras. Convém lembrar que a discussão de gênero, no contexto do qual falamos, deve considerar a interseccionalidade como importante variável, conforme abordado anteriormente (Castilho & Romancini, 2017b), sobretudo considerando o silenciamento tácito das *subalternas* (Spivak, 2010).

O protagonismo das jovens, para além das razões de proteção aos meninos, ou seja, como uma estratégia de mobilização (bastante eficaz, por sinal, para chamar a atenção da imprensa), decorre, como foi possível perceber no grupo de discussão, de uma sensação de mal estar com o funcionamento das escolas, devido à persistência do machismo, da homofobia e da desigualdade de gênero como um todo. Essa falta de igualdade se dá, inclusive, no movimento estudantil, com relatos críticos sobre a prática de alguns meninos, chamados ironicamente de “esquerdo-machos”, que tendem a silenciar as vozes femininas nos contextos da política estudantil.

4) A percepção das estudantes sobre o jornalismo é que a grande imprensa manipula a informação e, por outro lado, o jornalismo alternativo é mais livre das pressões políticas e, por isso, visto com simpatia. Isso também ocorre no Chile, como mostra outro trabalho, no qual é citado um trecho de livro de uma estudante chilena, considerada a principal liderança estudantil da mobilização de 2011, que diz: “Os meios de comunicação que buscaram caluniar nossas mobilizações

foram desacreditados e substituídos por redes sociais como fontes de informações verdadeiras e oportunas¹⁵ (Vallejo citado por Browne, Romero, Monsalve, 2015, p. 730). Na verdade, também no Brasil, as redes sociais cumpriram o papel de fontes alternativas de informação, inclusive por meio de conteúdos produzidos pelos próprios estudantes (Romancini & Castilho, 2017a). Mas acontece no Brasil, na cobertura do *Jornalistas Livres*, algo que se percebeu também no contexto chileno, em 2011, em veículo que propicia a participação cidadã, ou seja, um deficiente tratamento noticioso do evento, já que “os correspondentes não têm uma formação jornalística e [se] cometia o erro de que a estrutura das notícias tinha um enfoque mais de coluna de opinião do que de nota informativa”¹⁶ (Browne, Romero & Monsalve, 2015, p. 739). Embora o conteúdo produzido pelos estudantes, que circulou em redes sociais, tenha aspectos interessantes (sendo inclusive apropriado e divulgado pela mídia alternativa) poderíamos sugerir, em termos das práticas comunicacionais de grupos independentes, que eles ofereçam formações sobre a linguagem jornalística para estudantes, de modo a contarem com jovens capazes de produzir conteúdos mais qualificados (em termos profissionais) e relatarem as realidades do contexto educativo, não somente em momentos de exceção, como o deste estudo. O desvelamento de temas pouco conhecidos (como o machismo nas escolas e as formas de combatê-lo) é certamente um dos objetivos mais relevantes da imprensa não-hegemônica.

No caso da grande imprensa, conforme disse uma estudante: “A mídia só mostra [as escolas] quando está dando pau”. De fato, a estudante aponta uma questão instigante, ou seja, será que os cadernos de educação da mídia de referência realizam coberturas do cotidiano escolar, em comparação com os momentos de exceção, como as greves e ocupações (naturalmente com maior critério de noticiabilidade)? Esse é um tema que fugiria ao escopo deste trabalho, mas que pode ser sugerido como assunto para estudos futuros. No caso específico das meninas, é possível indagar se o próprio afloramento de posicionamentos feministas (com a criação de coletivos desse tipo em escolas), que parece ter precedido o movimento de ocupação das escolas, tem recebido cobertura noticiosa.

Ao encerrar o artigo, não podemos deixar de retomar os conceitos que nortearam o todo dessa pesquisa, desenhada a partir de recortes empíricos diferentes – desde aspectos mais ligados às lutas dessas jovens pelos espaços de públicos e descobertas de si enquanto feministas ao abandonar a “cultura do quarto” (McRobbie & Garber, 2006; Bovill & Livingstone, 2001), passando pelas apren-

dizagens formais e informais via ativismo on e off-line (Romancini & Castilho, 2017b) e também pela problematização da “política participativa” (Cohen & Kahne, 2011; Jenkins, 2016) nas redes.

Assim, importa lembrar que o surgimento desse trabalho dialoga, desde o início da investigação, com a observação da visibilidade midiática concedida ao movimento das ocupações escolares. Visibilidade que contrasta com tantas invisibilidades relatadas em trabalhos a respeito de movimentos sociais que acabam por compor um conjunto de razões pelas quais esses ativismos observados tiveram tanto impacto social e capacidade de mudança política. O poder das mídias de agendar os assuntos discutidos e sensibilizar a população para a discussão de determinados temas possibilitou que o movimento tivesse uma forma de existência, de maneira geral, positiva, muito embora não se tratasse da representação ideal para as participantes consultadas. Elas, bem ou mal, figuraram tanto no jornal de referência, como na mídia alternativa como jovens protagonistas, maioritariamente mestiças ou negras e sempre em posições de confronto, o que pode ter sido interpretado pelas participantes como manutenção da imagem de “desordeiras”, mas, o que ficou no imaginário de muitos, como nós, é que elas representaram verdadeiras meninas de luta.

NOTAS

- 1 Collucci, C. & Gragnani, J. (1º novembro 2015). Meninas formam coletivos feministas em escolas de SP. *Folha de S.Paulo*; Amendola, G. (13 dezembro 2015). Com o coração nas mãos. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: goo.gl/E0fUJ8; Silva, R. (2016, 13 julho) Lute como uma menina. Ameaças de retrocessos dão gás ao feminismo, *Revista do Brasil*, 119. Disponível em: goo.gl/4NxAZm.
- 2 *Lute como uma menina!* (2016), dirigido por Flávio Colombini e Beatriz Alonso, disponibilizado no YouTube (goo.gl/N19q55) em novembro de 2016.
- 3 Foram excluídos artigos de opinião, pequenas notas e reportagens publicadas na *revista da Folha de S.Paulo*.
- 4 Os resultados desse grupo de foco são explicitados de forma mais ampla em artigo apresentado pelos autores no Encontro Compós (Castilho & Romancini, 2017a).
- 5 Tal grupo foi realizado no dia 30 de novembro de 2016, em São Paulo, e teve duração de cerca de duas horas e meia. Optou-se pela condu-

ção do grupo de foco apenas pela autora, pois a presença do coautor (homem) poderia comprometer os resultados, tendo em vista que as meninas poderiam ficar menos confortáveis para dialogar na presença dele. O áudio foi gravado, sendo depois transcrito para a análise, e a dinâmica de discussão seguiu um roteiro com os principais eixos de interesse: motivações e cotidiano das ocupações; feminismo; e utilização das mídias. As adolescentes tinham entre 17 e 18 anos (portanto, 16 e 17 na época das ocupações), se autoidentificaram como de níveis socioeconômicos C, D e E, de etnias branca e negra. Todas estudavam em escolas públicas estaduais, sendo que quatro delas eram estudantes da mesma Escola Técnica (regime integral), da capital do Estado. Nem a escola nem as estudantes são nomeadas e, no caso das últimas, foram utilizados demarcadores fictícios, de modo a evitar que a identificação das jovens provoque eventuais prejuízos.

- 6 No original: “Los medios de comunicación constituyen un espacio en el que se decide y se ejerce una influencia en la percepción, la construcción de la realidad y de los hechos noticiosos en los receptores del medio a través de la selección de la información, el uso de las fuentes, el uso de la imagen y la interpretación realizada por el propio periodista”.
- 7 É importante notar que o Chile teve uma série de mobilizações estudantis expressivas, desde a primeira, de estudantes secundaristas, em 2006, que ficou conhecida como “Rebelião dos Pinguins”, em alusão ao vestuário dos alunos. Houve também movimentos estudantis em 2008 e 2011, mas estes últimos, embora tenha havido similaridade em determinadas propostas com o primeiro, envolveram também os estudantes universitários. Uma discussão sobre as causas das mobilizações estudantis chilenas é feita por Zibas (2008).
- 8 Conforme dados da Associação Nacional de Jornais (www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/), a *Folha de S.Paulo* teve, em 2015, uma tiragem média de cerca de 190 mil exemplares diários, atrás apenas de outro jornal de referência (*O Globo*) e de um periódico popular (*Super Notícia*).
- 9 Ver: www.catarse.me/jornalistaslivres.
- 10 Idem.
- 11 Capriglione, L. (29 novembro 2015). Secretaria de Educação prepara “guerra” contra as escolas em luta! Jornalistas Livres. Disponível em: goo.gl/RwVrHv.

- 12 Por que é que a PM de São Paulo quer o tempo todo nos provar a sua covardia e seu racismo??? (15 novembro 2015). Jornalistas Livres. Disponível em <https://goo.gl/2ufd2N>.
- 13 É nesse sentido que Ortelado (2016) interpreta o movimento estudantil das ocupações como a “primeira flor de junho”, em referência aos protestos de 2013.
- 14 No original: “efecto ‘visceral’ con el cual recibimos las fotografías es un factor que también tiene un efecto sobre la forma en la que interpretamos las imágenes”.
- 15 No original: “Los medios de comunicación que pretenden calumniar nuestras movilizaciones, se han visto desprestigiados y han sido reemplazados por las redes sociales como fuentes de información verídica y oportuna”.
- 16 No original: “corresponsales no tienen una formación periodística y se cometía el error de que la estructura de las noticias tenían un enfoque más de columna de opinión que de nota informativa”.

REFERÊNCIAS

- Bovill, M. & Livingstone, S. (2001). Bedroom culture and the privatization of media use. In: S. Livingstone & M. Bovill (Orgs.), *Children and their changing media environment: a European comparative study* (pp. 179-200). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Browne Sartori, R., Romero Lizama, P. & Monsalve Guarda, S. (2015). La cobertura regional del movimiento estudiantil chileno 2011: prensa impresa y prensa digital en La Región de Los Ríos (Chile). *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 21(2), pp. 723-740.
- Campos, A. M., Medeiros, J. & Ribeiro, M. M. (2016). *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta.
- Carvalho, G. & Bronosky, M. (2017). Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. *Revista Pauta Geral*, 4(1), pp. 21-39.
- Castilho, F. & Romancini, R. (2017a, junho). *Minas de Luta: Cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo*. Trabalho apresentado no XXVI Encontro Anual da Compós, São Paulo.
- Castilho, F. & Romancini, R. (2017b). ‘Fight like a girl’: Virtual bedroom culture in public school occupations in Brazil. *Catalan Journal of Communication & Cultural Studies*, 9(2), pp. 303-320. doi: 10.1386/cjcs.9.2.303_1

Cohen, C. & Kahne, J. (2011). *Participatory Politics. New Media and Youth Political Action*. Oakland, CA.

Colling, L. (2001). Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. *Revista Famecos*, 9(17), pp. 88-101. doi: 10.15448/1980-3729.2002.17.3154

Cunha, I. F. (2005, abril). *A mulher brasileira na televisão portuguesa*. Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação, Beira Interior.

Entman, R. (1993). Framing: Toward a Clarification of a Fractal Paradigm, *Journal of Communication*, 43(4), pp. 51-60.

Fernández De La Reguera, L. Y. (2007). De maleante a revolucionario. *Cuadernos de Información*, 20, pp. 37-43.

Goffman, E. (1975). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Gradim, A. (2017). Para uma leitura semiótica das teorias de framing: reinterpretação do enquadramento com base na categoria peirceana de terceira ordem. *Galáxia*, 35, pp. 21-31. doi: 10.1590/1982-2554127832

Jenkins, H. (2016). Youth Voice, Media, and Political Engagement - Introducing the Core Concepts. In H. Jenkins, S. Shresthova, L. Gamber-Thompson, N. Kligler-Vilenchik & A. M. Zimmerman (Orgs.), *By any media necessary: The new youth activism* (pp. 1-60). New York: NYU Press.

McCombs, M E. & Shaw, D L. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public opinion quarterly*, 36(2), pp. 176-187.

McRobbie, A. & Garber, J. (2006). Girls and Subcultures. In: S. Hall & T. Jefferson (Orgs.), *Resistance Through Rituals. Youth Subcultures in Post-War Britain* (pp. 177-188). Londres: Routledge.

Mendonça, R. (2015, 4 dezembro). Popularidade de Alckmin atinge pior marca, aponta Datafolha. *Folha de S.Paulo*. Recuperado de goo.gl/JRwg8l

Ortellado, P. (2016). A primeira flor de junho [Prefácio]. In A. M. Campos, J. Medeiros & M. M. Ribeiro, *Escolas de luta* (pp. 12-16). São Paulo: Veneta.

Pérez Arredondo, C. (2012). The Chilean Student Movement and the Media: A comparative analysis on the linguistic representation of the 04 August, 2011 manifestation in right-wing and left-wing newspapers. *Logos: Revista de Lingüística, Filosofía y Literatura*, 22(2), pp. 4-26.

Pérez Arredondo, C. (2016). La representación visual del movimiento estudiantil chileno en la prensa establecida y alternativa nacional: un análisis multimodal. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, 30, pp. 5-26.

Romancini, R. & Castilho, F. (2017a). "Como ocupar uma escola? Pes-

quiso na Internet!": política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40(2), pp. 93-110. doi: 10.1590/1809-5844201726

Romancini, R. & Castilho, F. (2017b). Novos Letramentos e Ativismo: Aprendizagens Formal e Informal nas Ocupações de Escolas em São Paulo. *Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación*, 14, pp. 129-138.

Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Traquina, N. (2001). A redescoberta do poder do jornalismo: análise da evolução da pesquisa sobre o conceito de agendamento (agenda-setting). In N. Traquina (org.), *O estudo do jornalismo no século XX* (pp.11-47). São Leopoldo, RS: Editora Unisinos.

Traquina, N. (2002). *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. New York: The Free Press.

Zibas, D. M. L. (2008). "A Revolta dos Pinguins" e o novo pacto educacional chileno. *Rev. Bras. Educ.*, 13(38), pp. 199-220. doi: 10.1590/S1413-24782008000200002.

Fernanda Castilho é Pós-doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora do Centro Estadual Paula Souza, Fatec. Doutora e mestre pela Universidade de Coimbra. Pesquisadora do Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva (OBITEL e CETVN). E-mail: fernandacasty@gmail.com.

Richard Romancini é Professor adjunto do Departamento de Comunicações e Artes, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA/ECA/USP). Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP. É autor do livro *História do Jornalismo no Brasil* (com Cláudia Lago, Florianópolis: Insular, 2007). E-mail: richard.romancini@gmail.com.

RECEBIDO EM: 01/11/2017 | ACEITO EM: 16/02/2018